

Projetos de intervenção: momento de sistematizar para repensar as práticas educativas que envolvem gênero e sexualidades

Carolina Faria Alvarenga

Quantos desafios estão postos em um curso de extensão, cujo objetivo é a formação continuada de professoras e professores da Educação Infantil nas temáticas de gênero e sexualidades? Durante o projeto “**Tecendo**”, no curso realizado em Lavras, pelo Departamento de Educação da UFLA, nossa equipe assumiu o desafio de articular, a todo o momento, a discussão do referencial teórico com o repensar das práticas educativas nas instituições de Educação Infantil. A dimensão metodológica foi bastante significativa, uma vez que tinha uma dupla função: dinamizar as atividades do curso, que ocorriam semanalmente, por um período de quatro horas; e, sobretudo, apontar possibilidades de trabalho com as temáticas em questão no cotidiano de trabalho com crianças pequenas.

Ao final do curso, a proposta foi a elaboração de um projeto de intervenção nas escolas em que atuavam. Os projetos deveriam conter: indicação do prazo de início e término para a realização, foco na Educação Infantil, envolvimento das famílias e articulação com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Ao orientarmos as professoras e os professores¹ na elaboração do projeto, retomamos a discussão sobre as teorias dos currículos, com base especialmente em Tomaz Tadeu da Silva (2002), articulando aos pressupostos teóricos que envolvem o PPP e a construção de projetos de trabalho (GADOTTI, 1998; HERNÁNDEZ, 1998).

Nesse sentido, questionamo-nos: por que é importante revisitarmos nossas concepções sobre os currículos no momento de elaborar um projeto de trabalho, intitulado por nós de projeto de intervenção? Selecionar conteúdos é uma questão de poder? Qual deve ser a relação entre esse projeto e o PPP da escola? Quais seriam os aspectos políticos e pedagógicos que envolvem essa construção? E os desafios para a elaboração dos projetos de intervenção? Para tanto, antes de apresentar problematizar os projetos elaborados pelas professoras do curso, sistematizo o referencial teórico discutido com elas.

¹ Como tínhamos 75 professoras e apenas 2 professores no curso, nesse trabalho, irei me referir a elas e eles no feminino.

Da concepção de currículo à elaboração do projeto de intervenção

Ao afirmar, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que no fundo das teorias do currículo está uma questão de identidade, Tomaz Tadeu da Silva (2002, p. 57) reforça a necessidade de nos perguntarmos: “Qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido ou essencial para merecer ser considerado parte do currículo?”. O currículo é resultado de uma seleção. Porém, para as teorias tradicionais, essa “seleção” é neutra, científica, desinteressada. A principal pergunta é: como? Qual é a melhor forma de transmitir os conhecimentos (inquestionáveis)? Há, portanto, uma preocupação com questões técnicas e de organização. Ensino, aprendizagem, metodologia, avaliação, didática, organização, planejamento, eficiência e objetivos são as palavras-chave dessas teorias (SILVA, 2002). Questões essenciais para a prática educativa, mas que ainda não contemplam o olhar para as questões sociais, culturais e históricas.

De outro lado, as teorias críticas e pós-críticas argumentam que a seleção do que deve ser ensinado está implicada de relações de poder. Constante questionamento do que ensinar: por quê? “Por que este conhecimento e não outro? Quais interesses fazem com que esse conhecimento e não outro esteja no currículo?” (SILVA, 2002, p. 57). Dessa forma, nas teorias críticas, há um deslocamento na maneira de conceber o currículo que ultrapassa as preocupações simplesmente pedagógicas de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder. Reprodução cultural e social, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência estão também implicados nessas teorias.

Para além desse avanço, o autor ressalta outro importante deslocamento que as teorias pós-críticas fizeram em relação às críticas, ao darem ênfase nos conceitos de identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significado e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo (SILVA, 2002).

Nesse sentido, o projeto “**Tecendo**” problematiza a urgência de se inserir, intencionalmente, as questões de gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil. Todavia, inserir essas temáticas no cotidiano das instituições educativas é um desafio muito grande, que passa inicialmente, pela formação inicial e continuada, mas também pela sensibilização das pessoas que nelas trabalham.

O primeiro passo seria por meio do PPP? Por que esse documento é político e pedagógico? Segundo José Fusari (1995), esse projeto é político porque traduz crenças e valores de determinado grupo e pedagógico uma vez que revela o compromisso pedagógico daqueles/as que participam de sua elaboração. Nesse sentido, se o PPP é elaborado coletivamente pela instituição educativa (professores/as, equipe técnica, funcionários/as, pais/mães), para a inserção de qualquer temática, é necessário, portanto, que haja um envolvimento e um reconhecimento de sua importância. É preciso que haja uma análise crítica do cotidiano e das teorias que fundamentam as decisões a serem tomadas. É um processo permanente de reflexão coletiva sobre o que se pretende, como se faz e como se avalia.

Portanto, reconhecer a importância – urgente – de se inserir as temáticas de gênero e sexualidades nos currículos – em qualquer etapa da educação básica – é o primeiro passo a ser dado. Todavia, não garante que haverá esforços por parte da gestão escolar e do grupo docente para que ações e/ou projetos sejam implementados, especialmente se a motivação estiver no campo da macropolítica, ou educação maior, como define Sílvia Gallo (2007). Portanto, uma condição essencial na elaboração do PPP é que haja formação inicial e continuada das/os profissionais envolvidas/os.

Passando do macro para o micropolítico, o que representa a educação menor (GALLO, 2007), situação em que o/a professor/a encontra-se na solidão de sua sala de aula ou a partir das microrrelações do cotidiano, destacamos os projetos educativos, ou de projetos de trabalho (HERNÁNDEZ, 1998), como uma das possibilidades de trabalho na educação, em especial, na Educação Infantil.

Os projetos educativos são favoráveis à realização de aprendizagens significativas, interessantes e coerentes com o contexto social vivido. Além disso, permitem que a criança se construa como cidadã autônoma e possibilitam a inovação e a criação constante (HERNÁNDEZ, 1998). Fernando Hernández (1998) argumenta que essa metodologia admite uma nova perspectiva do processo ensino-aprendizagem, pois aprender deixa de ser um simples ato de memorização, e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos.

Nesse sentido, dependendo da compreensão que se tem sobre o currículo, as temáticas de gênero e diversidade sexual são possíveis de ser inseridas, de forma intencional, no cotidiano da Educação Infantil, seja de forma transdisciplinar, dentro de projetos de qualquer temática, ou por meio de uma proposta voltada estritamente para a

discussão e problematização dessas questões que perpassam a construção de nossa identidade.

Revisitando as concepções sobre gênero e sexualidades: a elaboração dos projetos de intervenção

Os últimos encontros do curso de extensão foram dedicados a orientações e discussões teóricas que dessem embasamento para as professoras na elaboração dos projetos de intervenção. Foram produzidos dezessete projetos, a maioria em grupos, cujas componentes pertenciam à mesma cidade e, algumas vezes, à mesma escola². Consideramos esse aspecto muito positivo, pois muitas propostas trouxeram a necessidade de dialogar com a comunidade e com as iniciativas do município. Ademais, uma das cursistas, em sua apresentação, ressaltou a importância dessa metodologia:

Longe de representarem compartimentos estanques, o trabalho com projetos e os conteúdos programáticos se imbricam. Estão de tal modo interrelacionados que permitem ao educando trabalhar com o que já sabe sobre o tema e o que ele quer saber. (Cursista de Três Pontas)

Dos dezessete projetos apresentados, apenas treze nos entregaram os arquivos completos de forma que pudéssemos analisá-los. Todas as professoras se envolveram bastante na elaboração dos trabalhos. Identificamos o esforço para que as discussões ocorridas nos encontros estivessem presentes nas propostas. Algumas conseguiram sistematizar, com bastante propriedade, o referencial teórico e articular de forma coerente os objetivos do trabalho, como seguem a partir de trechos de alguns projetos:

O presente projeto intitulado “As diferenças e Igualdades de Gênero e Diversidade na Formação de sujeitos Históricos na Educação Infantil” traduz a necessidade de caráter social e político da escola de desenvolver nos alunos uma consciência crítica que possibilite ações e atitudes positivas de respeito às diferenças e às igualdades de pares em contexto educacionais e sociais. (Grupo de Campo Belo)

Problematizar esta nova organização da família independente do conceito de certo ou errado, porém, ressaltando o afeto como ponto central desta dinâmica, deve ser introduzido logo no início da escolarização, ou seja, na Educação Infantil. Um passo fundamental é esclarecer esta relação afetiva antes da adolescência, o que justifica este trabalho logo no início da infância. (Grupo de Paraguaçu)

² O curso realizado em Lavras reuniu docentes de vários municípios da região.

Este projeto tem o intuito de permitir a criança descobrir e criar por si mesmo novas relações entre corpo, escola, casa, família tentando explicitá-lo de modo criativo para compreender o mundo que o cerca. (Grupo de Lavras - 1)

Esse projeto de intervenção tem por objetivo promover o debate sobre gênero em torno da temática de moda, bem como aprofundar a respeito da construção das identidades sexuais. (Cursista de Lavras)³

Interessante destacar que, com exceção do último exemplo, sobre gênero e moda, as temáticas estão muito presentes no cotidiano da Educação Infantil: identidade, família, respeito. Porém, muitas vezes, o trabalho é realizado sem nenhuma problematização (consciente e intencional) das questões que passam por gênero e diversidade sexual. Pelo contrário, na maioria das vezes, os estereótipos são reforçados e naturalizados. Nesse sentido, podemos afirmar que as professoras conseguiram sistematizar as discussões teóricas e políticas que realizamos ao longo do curso. Os objetivos deste projeto reafirmam essa intencionalidade:

Valorizar a família e a importância do diálogo; Reconhecer valores como: igualdade, ética, cidadania, solidariedade e respeito; Perceber as diferenças entre pessoas, mostrando que a diversidade não implica inferioridade; Valorizar as belezas que a mistura das diferenças nos traz. (Grupo de São Francisco de Paula)

De outro lado, o projeto que tem como objetivo discutir moda, sob o enfoque de gênero, é bastante inovador, pois insere a temática da diversidade e sistematiza uma discussão que é realizada a todo o momento na escola, mas sem um caráter intencional: a moda.

Ao analisar as propostas do ponto de vista metodológico, por ser tratar do contexto da Educação Infantil, a utilização de jogos e brincadeiras foi um dos principais argumentos:

Apresentar o tema sexualidade de forma lúdica, utilizando brincadeiras, cantigas, cores, brinquedos e o corpo humano são alternativas utilizadas por muitos profissionais que possuem objetivo de desmitificar a sexualidade, bem como torná-la compreensível às crianças. (Grupo de Alfenas)

Outras estratégias pedagógicas, consonantes com o contexto da infância, foram baseadas nas possibilidades que o curso ofereceu: livros de histórias infantis, danças, peças teatrais, vídeos, filmes, desenhos, entre outras. O livro “Ceci tem pipi?” foi muito

³ Projeto realizado individualmente.

citado pelas professoras. Trago alguns exemplos que mostram a riqueza do que produziram:

Detonador:

Apresentação da História: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, em DVD, promovendo uma ampla reflexão com as crianças sobre as diferentes belezas e a alegria que elas trazem para a vida, levando-as a interpretarem oralmente a história e recontá-la a seu modo, e ir apresentando as cenas desenhadas por elas, com a ajuda do/a professor(a).

Reprodução da história através de desenhos, que deverão ser expostos no mural.

Dramatização da história assistida, pelas crianças.

Confecção de uma boneca, em sala de aula com a ajuda do/a professor/a, representando a personagem da história.

Escolha de um nome para a boneca.

Dramatização do batizado da boneca.

(Grupo de Nepomuceno)

No primeiro momento serão apresentadas duas apresentações em Microsoft Office Powerpoint 2007 sobre o histórico vestuário e moda infantil como forma de estimular as crianças a pensarem na evolução do vestuário infantil. Em seguida, as crianças serão convidadas a fazer um desenho de roupa para um menino e uma menina. No segundo encontro, as crianças serão convidadas participarem em conjunto um jogo chamado “Clubinho da moda” (de perguntas e respostas) construído pela pesquisadora. O terceiro momento será um dia de auto-cuidado com finalidade de abordar a higiene corporal, cuidados pessoais e percepção do corpo. No último momento será apresentado um desfile de Moda Infantil e as crianças serão convidadas a inventar sua roupa utilizando jornais e em seguida a desfilar.

(Cursista de Lavras)

1º Momento: Receber as crianças na rodinha. Conversar informalmente. Explicar que neste dia haverá uma hora do conto diferente. Será apresentado o livro “Ceci tem Pipi?”, de autoria de Thierry Lenain, tradutora Heloisa Jahn e ilustradora Delphine Durand, acompanhado de um avental com o cenário da história e à medida que vai contando os personagens vão sendo afixados no avental. Comentar, discutir bastante a questão dos estereótipos em torno do gênero masculino e feminino, coisas de menino e coisas de meninas e interpretar oralmente a história estimulando bastante as crianças a darem suas opiniões, levantar questionamentos instigando-as a falar sobre o tema tratado na história.

2º Momento: Pedir que registrem através de desenho e apresente recontando a história.

(Grupo de Lavras – 2)

Mais uma vez, reforço que é possível inserir as temáticas de gênero e sexualidade no cotidiano, a partir de atividades que são rotineiras para as professoras e as crianças, como, por exemplo, leitura de histórias, recontos, registros com desenhos,

brincadeiras que envolvem o corpo. Porém, é preciso um olhar atento às questões que envolvem a diversidade para que a formação e a construção da identidade das crianças não seja tão normatizante.

Em um dos projetos, as professoras afirmam a importância da formação continuada para que, além delas mesmas revisitarem suas concepções, possam também ser: *“multiplicadoras com nossas colegas de trabalho em nossa instituição de educação infantil, tentando entender melhor o jeito das crianças de manifestar a temática em gênero e sexualidade”* (Grupo de Lavras – 3). Porém, acreditamos que ainda temos muitos desafios pela frente. Um curso de extensão é suficiente para manter o ideal pelas mudanças?

São necessários outros momentos de formação continuada? E, a partir da ideia de serem multiplicadoras, como consolidar a formação das outras professoras da escola?

Três projetos apresentaram como primeira etapa a formação das professoras e da equipe gestora da escola nas temáticas de gênero e sexualidades. Um deles ainda trouxe a intenção de organizar um grupo de estudos entre as profissionais da escola para que a formação se tornasse permanente: *“organizar um grupo de professores (as) para estudarem temas relacionados à sexualidade infantil e discutir as experiências em sala de aula.”* (Grupo de Nepomuceno).

Essa preocupação é bastante relevante se considerarmos que, para a elaboração do PPP da escola, precisa haver o envolvimento de toda a comunidade. Nesse sentido, a participação das famílias também possui um caráter fundamental na consolidação de uma educação mais igualitária. Cinco projetos ressaltaram a intenção de dialogar com as famílias, sendo que dois propuseram que houvesse encontros para informar e discutir sobre a proposta de trabalho e uma palestra sobre a temática com especialistas: *“informá-los sobre o trabalho; integrar escola e família; refletir na constituição da própria sexualidade; (re)pensar tabus e preconceitos; conhecer a sexualidade infantil.”* (Grupo de Lavras – 4).

Como produção final, a maioria dos projetos apresentou a preocupação de divulgar às famílias o trabalho realizado:

*Poderá haver a apresentação de uma pecinha teatral pelas crianças (dramatizando alguma história em que a diversidade seja o tema central), como, por exemplo, a história: Menino brinca de boneca? – ou teatrinho de fantoches.
Convidar as famílias para virem à escola nesse dia, para verem os trabalhos expostos e assistirem ao teatro.*

(Grupo de Nepomuceno)

Confecção de um portfólio, exposição das atividades desenvolvidas através de fotos, relatos das crianças, vídeos. (Grupo de Alfenas)

Comemoração do Dia Nacional da Família (08/12) com exposição dos trabalhos realizados pelas crianças e palestra para as famílias, com o tema “O DIREITO DE SER AMADO”, independente do tipo de família. (Grupo de Paraguaçu)

Apesar de estarem acostumadas a participarem da apresentação das produções das crianças, para o envolvimento das famílias em relação às temáticas da diversidade, são necessários momentos de formação e ações que transformam o cotidiano da escola.

Nesse sentido, questiono: as mudanças na prática educativa de determinada escola só acontecerão se houver uma proposta consolidada no PPP, com ampla participação da comunidade? Com base na ideia de Foucault (1998) sobre a importância das pequenas revoluções diárias, arrisco a afirmar que não. É possível que, na solidão da sala de aula, na educação menor (GALLO, 2007), professoras e professores realizem ações pedagógicas em favor de uma educação mais humanitária. Porém, acredito que assumir pública, intencional e politicamente esse trabalho, por meio da elaboração de projetos de intervenção, como esse que o curso propôs, confere mais força ao propósito. E quando essa ação individual ou de pequenos grupos de docentes passa a ser de toda a escola e da comunidade, as temáticas ganham destaque e o projeto se consolida.

Durante o curso, as professoras foram se apropriando do referencial teórico apresentado, revisitando seus olhares e concepções sobre as questões de gênero e sexualidades, e a culminância com a produção e discussão dos projetos de intervenção foi um momento significativo de crescimento, de mudança, de motivação. Porém, como em todo processo educativo, alguns desafios aparecem em nosso caminho. Dessa forma, aponto algumas questões as quais podem ser problematizadas.

Os desafios por trás dos projetos de intervenção

Se dividirmos os projetos por temáticas, a partir dos títulos, temos quatro focos principais: 1) **Sexualidade**: A Sexualidade na Educação Infantil: “Quem não nasce de ovos, vem de onde?”; Família e Diversidade Sexual na Escola; Identidade/Sexualidade; 2) **Gênero**: As diferenças e Igualdades de Gênero e Diversidade na Formação de Sujeitos Históricos na Educação Infantil; Brincando de fazer moda: uma reflexão sobre

gênero; 3) **Gênero e sexualidade:** Gênero, sexualidade e educação; Gênero e a expressão da sexualidade; Tecendo gênero e diversidade sexual na infância; 4) **Diversidade em geral:** Trabalhando a diversidade na educação infantil; Todos iguais, todos diferentes; Os diferentes tipos de família; Brincando e descobrindo o meu corpo, construo minha identidade; Pescando sentimentos.

Todos os projetos, mesmo os que se inserem no foco sobre a diversidade em geral, trazem questões de gênero e/ou diversidade sexual, que era nosso objetivo. Porém, é importante retomarmos alguns questionamentos: falar sobre família, corpo ou sentimentos, por exemplo, garante que sejam problematizadas as questões centrais do curso? O projeto “Pescando sentimentos” aborda, em sua introdução:

O projeto desenvolvido tem como foco a expressão do sentir e foi intitulado “Pescando sentimentos” sabendo que na escola da nossa infância não havia lugar para essa expressão. Se o garoto se machucava, era convidado a controlar o choro para não arranhar sua masculinidade. Já a menina deveria controlar as lágrimas para não ficar feia. E se havia alegria a ser exteriorizada, era uma questão de “riso solto”, algo sob medida para ser conversado no gabinete do diretor. A dor física do ferimento e a moral das brincadeiras desagradáveis, que afetam a auto-estima, eram engolidas. (Grupo de Lavras - 5)

Apesar de não conter o termo gênero, é possível afirmar que as professoras, autoras do projeto, trazem a preocupação com essas questões. No desenvolvimento do trabalho, apresentam quatro atividades que possibilitam a “vivência de regras e atitudes que valorizem sentimentos e expressões”. Propostas que passam pela construção da identidade – Cantinho da intimidade, com espelhos; Pescando sentimentos; Coisas que sinto; e Cartas das expressões – mas dependendo do referencial teórico adotado, podem reproduzir os discursos que normatizam, normalizam e discriminam.

Por isso, a importância do curso para percebermos que muito do que já fazemos em nosso cotidiano nas instituições de Educação Infantil podem ter um olhar e uma condução diferentes. Esse seria, portanto, o primeiro desafio.

O segundo, no processo de formação continuada, seria a apropriação dos conceitos de gênero e sexualidades. A maioria das professoras que se propôs a escrever um projeto de intervenção sobre gênero e sexualidade centrou a discussão no conceito de sexualidade. Porém, cabe destacar que, mesmo de forma incipiente, a preocupação com as questões de gênero apareceram:

Além de explicações sobre anatomia e concepção, os pequenos vão aos poucos construindo idéias sobre cada gênero. Nesse aspecto, a

escola tem um papel importante. A maneira como a instituição lida com as diferenças físicas e a igualdade de oportunidades são maneiras de ensinar o respeito à diversidade e de não reafirmar clichês questionáveis - como o fato de a menina ser passiva, e o menino, destemido ou mesmo autoritário. (Grupo de Campo Belo)

De outro lado, um dos projetos cujo título abordava a diversidade apresentou atividades que contemplavam apenas as questões de gênero. Mesmo sem definir o conceito, apresentaram a compressão das implicações que as relações de gênero têm em na vida das crianças.

Muitas vezes os pais e professores impõem certos tipos de brincadeiras para seus filhos e alunos de acordo com o sexo. A partir do momento em que os pais descobrem que vão ser pais, começam a planejar as cores do quarto de acordo com o sexo do bebê. Desde pequenos existem diferenças entre brincadeira de meninos e meninas. Enquanto os meninos se interessam por carrinhos, as meninas brincam de cuidar de suas bonecas, fazer comidinha, meninos dão preferência a jogos competitivos e meninas a brincadeiras cooperativas. Aceitar a criança como ela é, e não tentar moldar seu comportamento segundo suas convicções pessoais, evita gerar frustrações mais adiante. Menino não precisa gostar de luta nem menina tem de ser fã de maquiagem. (Grupo de Lavras – 6)

De fato, a apropriação teórica dos conceitos não é fácil, especialmente porque gênero e sexualidade são duas dimensões de nossa identidade bem imbricadas, apesar de não se tratarem da mesma coisa (LOURO, 1997). Além disso, falar de diversidade vai muito além destas questões: raça/etnia, classe social, religião, geração, entre outros aspectos, também podem – e devem – ser contemplados.

O terceiro – e último – desafio que detectei foi em relação à elaboração do projeto. Conforme afirma Hernández (1998), os projetos são mapas de orientação e não garantem um caminho direto e seguro, desprovido de acidentes e surpresas. Mas são documentos, resultados de uma projeção. Nesse sentido, é importante que tenham clareza, coerência e pertinência. O tema, a justificativa, os objetivos, a metodologia, os recursos, as formas de avaliação, o público-alvo e o tempo de duração precisam estar claros, tanto para quem elabora como para quem compartilha do documento. Assim, mesmo que, ao longo do caminho, sejam feitas alterações nas propostas inicialmente pensadas, a sistematização das atividades, seus objetivos e estratégias, de forma coesa e bem distribuída, nos auxilia a não abrir mão de nossos objetivos em meio ao turbilhão de acontecimentos do cotidiano da Educação Infantil.

Considerações finais: e os desafios continuam

Apesar de todos os desafios apresentados, tanto em relação à elaboração dos projetos, do ponto de vista de concepção, organização e planejamento e, em especial, aos obstáculos que precisam ser enfrentados no cotidiano das instituições de Educação Infantil, consideramos que muitas conquistas foram feitas com essas professoras.

Diante de todo o trabalho desenvolvido durante o ano, acreditamos que os projetos reforçam em nós o sentimento de que as professoras conseguiram revisitar suas concepções em relação às questões de gênero e diversidade sexual e (re)pensar a complexidade das relações. Para algumas, foi dado um primeiro passo na transformação de sua prática. Para outras, a consolidação de uma formação que havia iniciado em outros momentos. Para todas, incluindo a equipe de Coordenação e bolsistas, a certeza de que o trabalho que envolve gênero e diversidade sexual na Educação Infantil é possível e, antes disso, extremamente necessário.

Referências bibliográficas

FUSARI, José Cerchi. *O projeto político pedagógico nos cursos de graduação*. In: III Circuito PROGRAD - O Projeto Pedagógico de seu curso está sendo construído por você? 1995, São Paulo. ANAIS do III Circuito PROGRAD - O Projeto Pedagógico de seu curso está sendo construído por você? São Paulo: UNESP, 1995. p. 102-107.

GADOTTI, Moacir. *O Projeto Político-Pedagógico da escola na perspectiva de uma educação para a cidadania*, 1998. Disponível em: http://recife.ifpe.edu.br/Projeto_Politico_Ped_Gadotti.pdf. Acesso em 10/06/2011.

GALLO, Sílvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELLA, Márcio (orgs). *Cotidiano escolar: emergência e invenção*. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Teorias do currículo: o que é isso? In: _____. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.